

Região das Notícias: um estudo da representação regional nas páginas do jornal *Correio*

Thays Assunção Reis

Resumo

Neste artigo resgatamos o conceito de região jornalística, forjado por Milton Santos (1955) e ampliado por Jacqueline Deolindo (2016), e apresentamos uma quarta camada constitutiva da definição, a área das notícias. Para isso, realizamos análise de conteúdo das matérias publicadas no jornal Correio, impresso produzido em Marabá (PA) durante o mês de janeiro de 2018 a fim de mapear as cidades noticiadas além da sede do veículo e identificar a origem dos textos. No percurso, discutem-se os conceitos de região, regionalização e região jornalística. Os resultados indicam a formação de uma “região das notícias” com uma ampla abrangência, conseguindo atingir cinco das mesorregiões do Pará. Também percebemos que o recorte espacial criado pelas notícias é caracterizado pela tematização da violência, que ele é produzido pela redação, assessorias, repórteres freelancers e correspondentes.

Palavras-chave: Região das Notícias. Jornal Correio. Regionalização. Marabá. Representação.

Introdução

Em tempos do crescente volume de dados, computação, inteligência artificial, algoritmos e super distribuição de conteúdo, as empresas jornalísticas teriam como regionalizar sua produção noticiosa? Como identificar em uma realidade predominantemente online, multifacetada e com fluxos de informação estabelecidos em escala global, regiões produzidas pelo jornalismo? A resposta para tais questionamentos é encontrada no conceito de região jornalística proposto por Milton Santos em 1955 durante o IV Congresso Nacional de Jornalistas, em Belo Horizonte.

A região jornalística, segundo Santos (1955[2007]), compreende basicamente a circulação e a cobertura do produto jornalístico. Cada jornal funciona dentro de um circuito físico de circulação e de produção noticiosa, variando de tamanho de acordo com as categorias funcionais dos jornais (nacionais, estaduais, regionais e locais).

No decorrer dos anos, o conceito de “regiões jornalísticas” permaneceu esquecido pelas pesquisas em jornalismo no país, sendo retomado apenas em 2016 no livro *Territórios do Jornalismo: Geografias da Mídia Local e Regional no Brasil* e na tese *Regiões jornalísticas: uma abordagem locacional e econômica da mídia do interior fluminense*. No primeiro caso, a autora Sonia Aguiar distingue as regiões jornalísticas das regiões midiáticas:

[...] os espaços que servem de referência para as mediações entre os acontecimentos e as audiências, operadas pelos jornalistas, configuram as “regiões jornalísticas”; e aos recortes espaciais que servem de referência para a atuação mercadológica dos jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão e portais de notícias operadas por empresas ou grupos midiáticos propõe-se denominar “regiões midiáticas” (AGUIAR, 2016, p.120-121).

A segunda produção, desenvolvida por Jacqueline Deolindo, segue o entendimento de Milton Santos das regiões jornalísticas como áreas de atuação dos jornais. No entanto, a pesquisadora detalha e amplia o conceito do geógrafo a partir da sua investigação sobre a estrutura de mercado dos jornais diários e sites de notícias localizados no interior do Rio de Janeiro.

Desse modo, a região jornalística seria um composto complexo, formado por três áreas concêntricas estreitamente relacionadas: **a)** área de cobertura jornalística (aquela em que os jornalistas mais frequentemente realizam reportagens); **b)** a área de negociação publicitária (corresponde aos espaços em que estão localizados os anunciantes habituais de determinada mídia); e **c)** a área de circulação ou alcance (refere-se aos locais em que os veículos estão presentes).

Além disso, Deolindo (2016) apresenta os tipos ideais de região jornalística do jornal impresso e dos sites de notícias do interior fluminense. Tratando-se dos diários, a área de circulação é a mais ampla, a área potencial de exploração de receitas é menor do que a primeira, e a área de reportagem fica restrita prioritariamente à cidade sede do jornal.

Diferentemente do modelo de região apresentado pelos impressos, os sites de notícias exibem uma área de alcance mais abrangente e “uma área de apuração mais ampla do que a de exploração de receitas, visto que o mercado é altamente localizado” (DEOLINDO, 2016, p. 270) e as notícias não se limitam à cidade em que o portal está sediado.

Avançando nessa discussão, o artigo apresenta uma quarta camada da região jornalística, a área da notícia, ou “região das notícias”. Ela corresponde ao ambiente das páginas dos jornais em que são publicadas regularmente informações de outras localidades além da sede do veículo.

O artigo é desenvolvido a partir de duas hipóteses principais. A primeira (H1) delas considera que a área da notícia é maior que a área de distribuição do jornal e de apuração das notícias. Já a segunda (H2) diz que a área da notícia é formada, majoritariamente por *realeses* de assessorias de imprensa das prefeituras municipais ou empresas privadas de cidades pequenas.

Para testar essa suposição empreendemos uma análise de conteúdo no jornal *Correio*, periódico produzido em Marabá (sudeste do Pará), durante o mês de janeiro de 2018, constituindo um corpus de 12 edições. Deste universo, foram analisados todos os textos das páginas internas, exceto a coluna social e os classificados. Também não se levou em consideração as chamadas e manchetes publicadas nas capas do impresso.

Após a seleção da amostra, realizamos uma “leitura flutuante” (BARDIN, 2016) das edições para delimitarmos as categorias de análise. E tendo em vista algumas características da produção editorial jornalística e o aspecto espacial, estabelecemos as seguintes categorias: 1) Editoria (trata-se de verificar em quais seções do impresso são frequentemente publicadas matérias de outras localidades); 2) Cidade (interessa-nos saber quais os municípios são noticiados pelo jornal); 3) Tema (buscou-se saber quais temáticas atraem a atenção da publicação quando diz respeito a outras localidades); e 4) Origem da pauta (o objetivo é identificar se o material foi produzido pelo *Correio*, por assessorias de imprensa ou fornecido por terceiros). Associado a este procedimento, realizamos entrevista com um dos repórteres do impresso (Ulisses Pompeu) para compreender o funcionamento do veículo e o modo de produção das notícias, sobretudo, daquelas referentes a outras localidades.

O texto está dividido em três partes, além desta introdução e das considerações finais. Na próxima seção, tratamos dos conceitos de região e regionalização no campo da Geografia. Na segunda, recapitulamos o trabalho de Milton Santos (1955) que deu origem ao conceito de região jornalística. Por fim, trazemos os resultados e discussões da investigação desenvolvida no jornal *Correio*.

Região e regionalização

Considerado uma das noções mais “caras” para a Geografia, o conceito de região possui uma longa trajetória no campo acadêmico, marcada, como diz Haesbaert (2014), por mortes e ressurreições. No entanto, antes de ingressar na discussão sobre a história do conceito, é necessário fazer duas ponderações.

A primeira, região integra a “constelação” de conceitos geográficos em que o “espaço” é a definição mais geral da área, sobressaindo-se frente aos demais conceitos. Em um jogo circular de conceitos, como se fosse um sistema de planetas, Haesbaert (2014) explica que o conceito de espaço (constituído de espaço-tempo e espaço-geográfico) seria como o “sol”, e que os conceitos de região, território, lugar, ambiente e paisagem seriam os planetas que girariam em seu torno.

A segunda ponderação diz respeito à polissemia do termo região. O conceito compreende tanto concepções ligadas à relação parte/todo, a direção e localização, como a definições “esfera de domínio de algo” ou “espaço ocupado por alguma coisa”. Além disso, região, etimologicamente, está ligada a relações de poder, visto que a raiz do termo, “regere”, significa comandar ou dominar – região como área de comando ou reino (HAESBAERT, 2014).

Mesmo diante dessas concepções, o conceito de região tornou-se bastante conhecido por seu sentido de “recorte” do espaço em diversas escalas, desde o corpo humano até o espaço global (HEROLD, 2011). Logo, a região está diretamente relacionada aos processos de regionalização, ou seja, aos recortes/delimitações do espaço criadas pelas dinâmicas vividas e produzidas pelos grupos sociais, ou pelo pesquisador para operacionalizar sua investigação (procedimento metodológico) ou realizar análise do material empírico (instrumento de análise) (HAESBAERT, 2014).

Por esse caminho, o geógrafo sintetiza as modalidades de regionalização em quatro categorias: *a) Regionalização como instrumento de análise*: centrada na figura do pesquisador, na investigação e seus dilemas metodológicos; *b) Regionalização como instrumento da prática*: as regiões são pensadas para atender aos usos concretos que diferentes sujeitos sociais fazem em seus espaços vividos; *c) Regionalização como instrumento de intervenção*: voltada para perspectiva política de planejamento dos espaços; *d) Regionalização como processo teórico e prático*: responde as questões mais complexas das diferentes articulações sociedade-espaço em suas múltiplas dimensões do campo tanto das práticas como das representações.

Ponderações feitas, vamos ao percurso histórico dos estudos regionais no âmbito da Geografia. Segundo Contel (2015), a primeira definição sistematizada da noção de região foi feita por Herbertson, em um artigo datado de 1905. Nesse texto, foi proposta uma divisão do mundo em grandes “regiões naturais” baseadas em quatro “classes de fenômenos”: configuração, clima, vegetação e densidades.

Depois desse trabalho, outros estudos também seguiram a regionalização física do mundo, empregando a região como um dado da natureza. De acordo com Gomes (2000, p. 55), “o conceito de região natural nasce, pois, desta ideia de que o ambiente tem um certo domínio sobre a orientação do desenvolvimento da sociedade.” Portanto, a noção de região, nesse primeiro momento, era guiada pelas determinações e influências do meio natural.

Posteriormente, conforme Contel (2015), Vidal de La Blache procurou reunir em suas obras aspectos “naturais” e “humanos” para a explicação dos fenômenos geográficos. É ele que formula o conceito de região geográfica para

denominar as “parcelas da superfície terrestre com certa homogeneidade de características, derivadas da combinação entre elementos do meio natural e da ação humana” (CONTEL, 2015, p.450). Temos assim a segunda fase do conceito de região “caracterizada pela ação humana ou, pelo menos, resultante da relação homem-meio” (HAESBAERT, 2014, p. 35).

O terceiro momento do conceito de região é marcado pela introdução da concepção de região econômica, e de forma implícita, de região funcional, por meio do estudo das cidades como nós ou polos articuladores das regiões – “regiões nodais”. Tal perspectiva considerava a industrialização como a principal responsável pela configuração regional dos espaços (HAESBAERT, 2014).

Associado a essa perspectiva histórica é importante mencionar neste debate o entendimento de região desenvolvido por autores clássicos da Geografia, como é o caso de Vidal de La Blache, Carl Sauer e Richard Hartshorne. Para Haesbaert (2014), estes autores enfatizaram o conceito de região da seguinte forma:

[...] Enquanto La Blache via a região como “algo vivo”, uma “individualidade” ou mesmo uma “personalidade geográfica”, Hartshorne a encarava como um constructo intelectual e que, como tal, poderia variar em sua delimitação de acordo com os objetivos do pesquisador. Já Sauer, com um grau de racionalismo que parece ficar a meio caminho entre La Blache e Hartshorne, buscava na Geografia regional uma “morfologia da paisagem” que não se preocupava apenas com o único, o singular, mas também com a comparação dessas “paisagens individuais”, num “sentido corológico pleno, isto é, a ordenação de paisagens culturais” (HAESBAERT, 2014, p.32).

Ainda para este autor, o conceito de região é visto como “uma espécie de artifício ou instrumento que permite o entendimento das “partes” do espaço geográfico, através dos princípios gerais de diferenciação/homogeneização” (HAESBAERT, 2014, p. 91), sejam elas realistas (referindo-se a organização de espaços econômicos), imateriais, simbólicas (diz respeito às identidades regionais expressas nos espaços vividos) ou mesmo pragmática (no sentido de uma região a ser construída).

A região, por um lado, pode ser concebida como um fato ou uma realidade – seja no âmbito materialista, a partir um arranjo de relações materiais ou mesmo naturais do espaço, seja na perspectiva idealista das representações e símbolos que através dele são construídos e partilhados. Por outro lado, num âmbito mais estritamente epistemológico, a região pode ser vista como um artifício ou mecanismo social-intelectual, necessário para o entendimento e, de forma mais ampla e pragmática, a produção de uma nova realidade (HAESBAERT, 2014, p. 94).

No caso da região como uma nova realidade (uma “região a ser construída”),

Sonia Aguiar (2016) afirma que os grupos de comunicação brasileiros agem dessa forma ao elegerem um recorte do espaço para agirem midiaticamente. A autora, com base no lugar da localização das audiências que baliza as estratégias de ação (produtos, programação, distribuição, circulação, publicidade, etc.) e articulação (parcerias, afiliações, fusões) dos 28 grupos de comunicação e três empresas controladoras dos 50 jornais diários de maior circulação paga do Brasil, apontou para a existência de seis tipos de “regiões midiáticas” em que se inserem os subsistemas de comunicação nacionais. São elas:

1) *Nacional*: são grupos que possuem pelo menos um título de jornal com mais de 60% da sua tiragem vendida em diferentes regiões fora do Estado da cidade-sede, ou que tem o controle financeiro e operacional de uma rede de TV, agência de notícias ou portal de notícias on-line nacionalmente capilarizados; 2) *Regional-supraestadual*: são grupos de mídia cuja atuação ultrapassa os limites do seu Estado de origem para estados contíguos, seja por meio da propriedade de veículos ou parcerias em diferentes localidades; 3) *Regional-estadual*: representam os grupos sediados em capitais de Estados que possuem pelo menos um título de jornal com circulação na maior parte do território estadual; 4) *Regional-subestadual*: corresponde aos grupos que possuem pelo menos um título de jornal sediado em uma região metropolitana fora da capital do Estado ou em uma cidade-polo de região econômica reconhecida; 5) *Local*: empresa proprietária de jornal, cuja circulação é restrita a uma cidade que não seja capital de um centro de Região Metropolitana; 6) *Multirritorial*: diz respeito aos grupos que atuam em estados descon-tínuos ou em áreas de fronteira do Brasil com países da América do Sul (AGUIAR, 2016, p. 129-130).

A partir desta leitura percebe-se que o uso da região pelo campo da Comunicação e/ou Jornalismo ultrapassa os limites dos estudos de rotinas produtivas e de cunho simbólico. O conceito possibilita pensar os movimentos e as articulações das empresas no espaço, como a criação e fechamento de veículos, fusões, incorporações, alianças empresariais, etc. Além do mais, os “recortes do espaço”, ou seja, as regionalizações podem ser estudadas por meio dos textos, áudios e vídeos produzidos pelos meios de comunicação de massa.

Neste trabalho adotaremos o conceito de região enquanto uma construção produzida pelos jornais em suas páginas, ou seja, as notícias publicadas nos impressos produzem diferenciações geográficas que levam a uma regionalização capaz de fornecer aos leitores a capacidade de imaginar os contornos dos locais em que estão presentes e seus próprios mapas mentais.

Regiões jornalísticas

Em 1955, período em que os transportes e as comunicações no Brasil passavam por aceleradas mudanças, o geógrafo Milton Santos apresentou no IV

Congresso Nacional de Jornalistas, em Belo Horizonte, uma proposta de classificação funcional dos jornais brasileiros para ser utilizada na construção futura de um “mapa jornalístico no Brasil”. Essa proposição delimitou, com base no contexto, quatro categorias de jornais no país: nacional (ou supra-estadual), estadual, regional e o local. Segundo Santos

O jornal nacional circula na capital da República e em São Paulo, nas capitais estaduais e em camadas restritas das cidades servidas por linhas aéreas diárias. Raramente se aprofunda nas áreas regionais. Toca-lhes, apenas, a periferia. **O jornal estadual** cobre a superfície do estado respectivo. Sua função regional é, porém, tanto mais reduzida quanto mais desenvolvida a economia provincial e a sua rede de transportes. Sua presença como jornal regional se evidencia por sua circulação como o jornal da localidade. Pode também chegar a outro estado. **O jornal regional** circula em sua área respectiva, sofrendo nas bordas a concorrência do jornal da região vizinha. A maior ou menor extensão de sua influência depende de vários fatores, como os horários de ônibus, trens etc. **O periódico local** atende a interesses do lugar onde atua e não raro a problemas de natureza efêmera, animando-se ao sopro de paixões momentâneas, que marcam geralmente o seu tempo de vida ou renascimento (SANTOS, 1955[2007], s/p, *grifo nosso*).

Essa classificação baseou-se na área de atuação do jornal, sua região jornalística, que compreendia basicamente a circulação e a cobertura do produto jornalístico. Santos) recorre a esses aspectos para deixar claro naquela época a diferença entre notícia e jornal. Para ele, cada impresso possuía uma “área mais ou menos de influência, o seu raio de ação determinado [...]”. O domínio da notícia é o mundo. Enquanto o jornal tem o seu domínio limitado, atuando numa determinada área. É a região jornalística” (1955[2007], s/p).

Dependendo ainda das categorias funcionais dos jornais (nacionais, estaduais, regionais e locais) seriam formadas “regiões, zonas e subzonas jornalísticas”, ou seja, áreas com tamanhos diferentes e, em alguns casos, inscritas dentro das outras (SANTOS, 1955 [2007]). Um jornal nacional, por exemplo, consegue circular em uma área espacial grande com penetração no território das capitais estaduais ou até mesmo de cidades médias.

Nesse ponto, a função dos periódicos dentro do país varia de acordo com suas categorias funcionais. Os diários nacionais desempenham um papel político e econômico capaz de influenciar diversos setores da sociedade, mesmo circulando apenas em alguns centros urbanos servidos por transporte aéreo. Por sua vez, os jornais estaduais, localizados nas áreas metropolitanas das respectivas capitais, “figuram como verdadeiros jornais regionais”, abordando assuntos da política do estado e concorrendo diretamente com os impressos das “cidades sujeitas à sua zona de influência” (SANTOS, 1955 [2007]). Já o periódico local, atende aos interesses e solicitações da localidade onde possui sede, desenvolvendo assim, um protagonismo político e social restrito àquela área geográfica.

Por último, o autor sugere que o surgimento e a periodicidade de um jornal são determinados por dois fatores: a “vontade regional” e os recursos econômicos. A presença dos dois fatores faria surgir um diário na região. A presença apenas da vontade regional contribuiria para a presença de um semanário ou periódico. E ausência de ambas as condições determinaria a ausência de órgãos de imprensa (SANTOS, 1955 [2007]).

Região das notícias no jornal *Correio*

O jornal *Correio* foi fundado em Marabá¹ no dia 15 de janeiro de 1983 com o nome de *Correio do Tocantins* pelo jornalista piauiense Mascarenhas Carvalho Luz. Segundo Sena (2014), as primeiras edições do impresso eram publicadas quinzenalmente. Em seguida, o jornal começou a ser publicado uma vez na semana, e hoje ele circula em três dias: na terça-feira, quinta-feira e aos sábados.

Em 2013, época em que comemorava 30 anos de fundação, o jornal foi adquirido pelo então prefeito de Curionópolis, Wenderson Chamon, que “já atuava no ramo de comunicação com rádios em alguns municípios da região e uma TV em Parauapebas” (POMPEU, 2018)².

Após a aquisição do *Correio do Tocantins*, conforme o jornalista Ulisses Pompeu (2018), o empresário-político adquiriu também em Marabá a antiga Rádio Itacaiunas e a TV Eldorado (SBT). Com isso, ele criou o Grupo *Correio de Comunicação*, com televisões em Marabá, Parauapebas e Canaã dos Carajás, rádios em seis municípios do sul e sudeste do Pará.

Em 2015, o impresso mudou de nome e passou a se chamar apenas *Jornal Correio*. Ele circula atualmente em 18 municípios do sul e sudeste do estado: Marabá, Eldorado do Carajás, Parauapebas, Curionópolis, Canaã dos Carajás, Itupiranga, Jacundá, Novo Repartimento, Tucuruí, Goianésia, Nova Ipixuna, São Geraldo do Araguaia, Bom Jesus do Tocantins, Abel Figueiredo, Rondon do Pará, Redenção, Xinguara, São Domingos do Araguaia.

O *Correio* possui cinco editorias (‘Geral’, ‘Atualidades’, ‘Cidades’, ‘Política’ e ‘Polícia’), uma página de coluna social (‘Sociedades’), uma página de variedades (‘Relax’), e uma seção de classificados distribuídos em 20 páginas. A tiragem média do impresso é de 13.300 exemplares, e sua equipe é formada, no início de 2018, por dez profissionais: Patrick Roberto (diretor de Redação e editor de polícia); Adilson Poltronieri (editor de cidades); Luciana Marschall (repórter de cidades); Chagas Filho (repórter de polícia); Nathália Viegas (repórter de cidades); Ana Bortoleto (repórter de cidades); Evangelista Rocha e Josseli Carvalho (repórteres fotográficos); Lucélia Santos (revisora); Ulisses Pompeu (editor de esportes).

Ao focar na cobertura jornalística do *Correio*, o levantamento realizado durante o mês de janeiro de 2018 em 12 edições do veículo apresentou resultados interessantes no que diz respeito à regionalização produzida pelas notícias. O mapa elaborado (mapa 1) permite visualizar claramente que o jornal prioriza

1 Município localizado no sudeste do Pará, próximo aos estados do Maranhão e Tocantins. Possui uma população de 271.594 mil habitantes, segundo estimativa do IBGE de 2017.

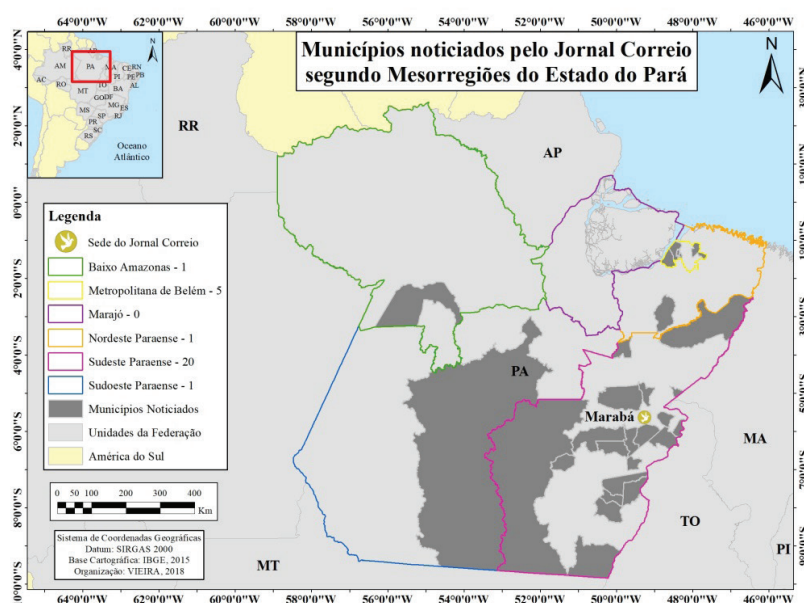
2 Entrevista concedida à autora em 25 de fevereiro de 2018.

os acontecimentos da região Sudeste do Pará, onde está localizada a sua sede física e outros veículos do Grupo Correio. Ao mesmo tempo, o impresso traz notícias de quase todas as partes do estado (região Metropolitana de Belém, do Baixo Amazonas, do Sudoeste e do Nordeste do estado), ficando sem ser tematizada apenas a região de Marajó.

Em uma leitura da regionalização das notícias a partir das características do fazer jornalístico, Groth (2011) comenta que cada jornal tem sua publicidade (no sentido de tornar público) limitada por um raio de ação geográfico-social, seu ‘espaço jornalístico’. Nesta área, os impressos possuem condições de oferecer aos seus “consumidores um material (relativamente) universal no sentido determinado anteriormente pelos mundos diante do seu público, com frescor de atualidade” (GROTH, 2011, p.278).

Também Groth (2011) considera que a área da publicidade corresponde a da distribuição do jornal. No entanto, os resultados da pesquisa indicam que a camada das publicações do jornal é maior que a da circulação, confirmando assim a hipótese (H1) colocada no início desta pesquisa. Dessa maneira, as notícias estampadas impresso formam sua própria região, diferente das produzidas pela circulação, captação de receitas ou apuração dos acontecimentos.

Mapa 1 – Região das notícias do Jornal Correio



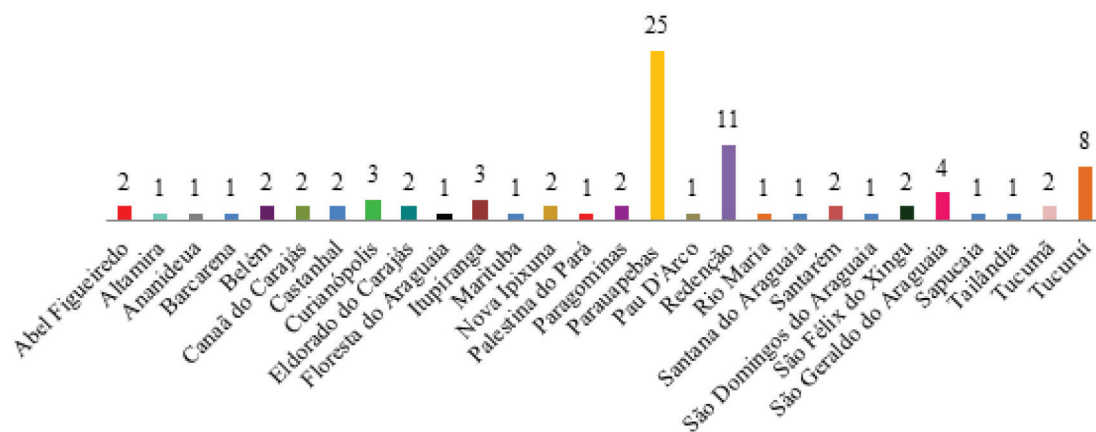
Fonte: A autora (2018) / **Elaboração:** Camila Vieira.

Observando os registros numéricos gerais (gráfico 1) foram encontradas notícias de 28 cidades do Pará nas páginas do jornal *Correio*, sendo que Parauapebas foi a que apresentou a maior quantidade de textos (25) publicados no veículo durante o mês de janeiro. Em seguida ficaram as cidades de Redenção (11 ocorrências), Tucuruí (8 ocorrências), São Geraldo do Araguaia (4 ocorrências), Curianópolis e Itupiranga (3 ocorrências cada uma).

De acordo com Pompeu (2018), o alto índice de matérias de Parauapebas deve-se ao fato da localidade possuir uma filial do Grupo Correio, com TV e Rádio, e a presença de uma correspondente. “A repórter Tina Santos envia diariamente matérias de Parauapebas para abastecer o Portal Correio de Carajás e o jornal *Correio*.” (POMPEU, 2018³). Além deste município, o jornal possui *freelancers* nos municípios de Jacundá e São Geraldo do Araguaia. E também existem radialistas dos veículos do Grupo que repassam informações diariamente dos municípios de Curionópolis, Canaã dos Carajás e São Félix do Xingu (POMPEU, 2018).

Associado a estes aspectos, a proximidade contribuiu para que determinadas cidades fossem mais pautadas pelo jornal do que outras. Segundo Fernandes (2013), a proximidade é um dos elementos mais fortes na produção jornalística das cidades de pequeno e médio porte. “Para um profissional atuante no jornal do interior, a proximidade, associada à atualidade, prevalece no momento de seleção de uma notícia” (FERNANDES, 2013, p.115).

Gráfico 1 – Cidades noticiadas pelo jornal Correio



Fonte: A autora (2018).

Em seguida, observamos que as notícias sobre outros municípios, fora Marabá, estão presentes nas editorias de ‘Polícia’ (42), ‘Atualidades’ (18), ‘Cidades’ (14), ‘Geral’ (4) e ‘Política’ (1), segundo revela o gráfico 2. Essa configuração demonstra que as localidades incluídas nas páginas do veículo não se limitam a serem pautadas pela editoria de ‘Cidades’ (espaço tradicional voltado à cobertura de centros urbanos da região), mas despertam o interesse de outras editorias.

De outra forma, a distribuição das matérias por editorias sinaliza os temas mais abordados nas notícias regionais. A violência ou tragédias, por exemplo, expressas nas matérias da editoria de ‘Polícia’ foram os assuntos mais recorrentes no estudo. Depois apareceram informações sobre o governo, justiça, educação, economia, saúde, meio ambiente e esporte espalhadas nas editorias

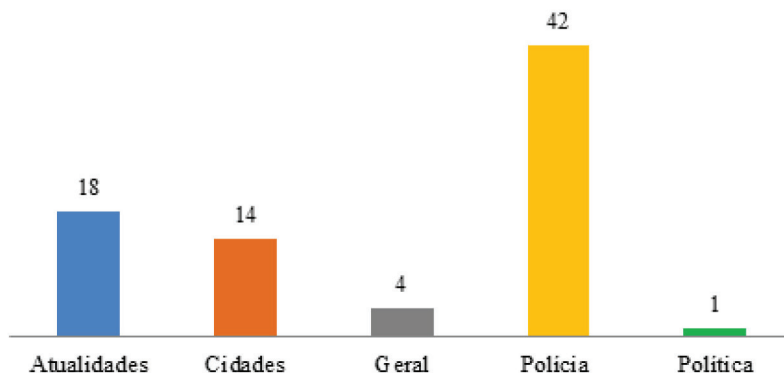
3 Entrevista concedida à autora em 25 de fevereiro de 2018.

apontadas acima. Tal arranjo temático vai ao encontro do que o repórter Ulisses Pompeu (2018) comentou sobre os fatores considerados pelo *Correio* para pautar outros municípios.

No momento de noticiar cidades vizinhas, o jornal leva em considerações acontecimentos de polícia (a violência na região é grande e crescente), política e fatos relevantes das cidades. Como a economia da região é baseada em mineração e pecuária, esses dois temas sempre tomam espaços consideráveis na editoria de Cidades, principalmente como as prefeituras estão aplicando os royalties da mineração (POMPEU, 2018)⁴.

Na perspectiva de Dornelles (2012) os assuntos encontrados no impresso de Marabá são típicos da imprensa do interior. Os problemas das cidades, as “personalidades locais, a economia do município, os representantes políticos locais, os crimes que ocorrem na cidade e os seus atletas e artistas ainda prevalecem no noticiário do interior” (DORNELLES, 2012, p.30).

Gráfico 2 – Distribuição das matérias regionais por editorias



Fonte: A autora (2018).

Considere-se ainda que ao decidir quais cidades noticiadas e sob qual temática, os jornais constroem e definem lugares presentes nos mapas cognitivos de seu público. “Os veículos noticiosos, nossas janelas ao vasto mundo além de nossa experiência direta, determinam nossos mapas cognitivos daquele mundo” (LIPPMANN, 2008, p. 19). Neste sentido, o jornal *Correio* ao pautar com frequência os crimes das cidades próximas acaba criando uma imagem violenta das localidades e da região.

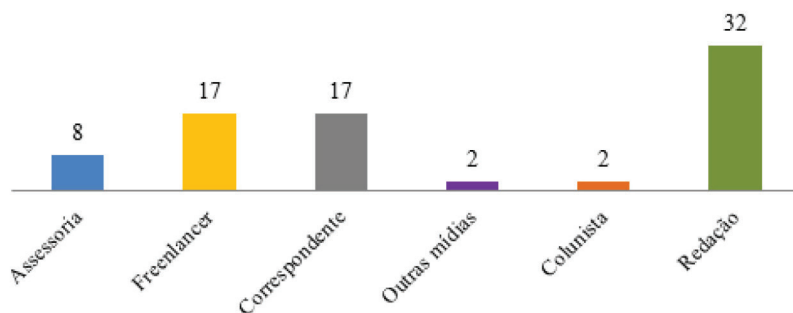
Tomando a questão da universalidade, entendida como a busca do jornalismo em abranger todas as áreas da natureza, da sociedade e da cultura para compilá-las nos seus espaços, verificamos que ela é limitada, principalmente quando se trata dos acontecimentos de outras cidades. O jornal só “traz aquilo da

⁴ Entrevista concedida à autora em 25 de fevereiro de 2018.

realidade objetiva como um todo que é necessário para o universal do mundo diante de cada um dos seus leitores e necessita de mediação” (GROTH, 2011, p.186). Assim, pelos dados obtidos na pesquisa, constatamos que a matéria “universal” expressa pelo impresso de Marabá não reflete a vida cotidiana dos municípios do entorno, mas apenas fatos geradores de uma quebra da rotina.

Com relação à origem das notícias sobre as cidades identificadas neste estudo (gráfico 3), a maioria (32 ocorrências) foi produzida pela redação do jornal. Em segundo lugar ficaram os textos produzidos pelos repórteres *freelancers* (17 ocorrências), seguida pelas matérias dos correspondentes (17 ocorrências), das assessorias (8 ocorrências), outras mídias (2 ocorrências) e colunista (2 ocorrências). Essas informações derrubam a hipótese de que a produção de notícias fora de Marabá era feita majoritariamente pelas assessorias das prefeituras municipais.

Gráfico 3 – Origem das notícias do jornal Correio



Fonte: A autora (2018).

Avançando na análise, identificamos três *freelancers* (jornalistas sem vínculo empregatício) na leitura das matérias do jornal *Correio*. São eles: Dinho Santos, Nilson Amaral e Caetano Silva. Este último é repórter policial em Parauapebas e possui um blog com notícias de crimes e violência. Já os correspondentes (jornalistas contratados pelo Grupo Correio) encontrados foram: Ronaldo Modesto e Roney Wydiamaior. O primeiro é repórter policial de Parauapebas, e o segundo fornece informações de Tucumã para as emissoras de rádio do conglomerado nas cidades de São Félix do Xingu, Canaã dos Carajás e Curionópolis.

As matérias oriundas de assessorias foram produzidas pelas prefeituras municipais de Parauapebas e Canaã do Carajás, Secretaria do Meio Ambiente de Tailândia e o Ministério Público do Pará. A partir dessas informações notamos que, mesmo de forma tímida, o *Correio* desenvolve uma das práticas mais comuns à imprensa do interior: a publicação de *realeses*. Conforme Assis (2013) é grande a quantidade de veículos nas cidades de pequeno e médio porte que recebem suporte financeiro – “mediante a publicação de editais – ou material – enviado pelas assessorias de imprensa, geralmente em forma de *release* – utilizado para preencher o espaço editorial dos produtos jornalísticos que fazem circular” (ASSIS, 2013, p. 6). É por isso que as redações dos impressos ainda

continuam a publicar na íntegra os textos vindos de assessorias de órgãos públicos ou empresas.

Os textos classificados como “outras mídias” vieram do *site* de notícias G1/Pará e da *fanpage* “Meu Parazão”. O conteúdo enquadrado como “colunista” foi produzido pelo jornalista Carlos Mendes e publicado na sua coluna. Já o material da redação, provavelmente tenha sido gerado dentro da lógica de produção em “rede” e da convergência de conteúdo, cujas informações de rádio, tv ou online são facilmente aproveitadas pelo impresso. Desse modo, a configuração noticiosa do *Correio* é diferente da enfrentada por jornais não pertencentes a grupos de comunicação, o que implica na regionalização produzida por este tipo de veículo.

Considerações Finais

O Jornalismo não apenas reproduz outros saberes, mas produz conhecimento (Meditsch, 2008) e no caso desta investigação ficou claro que ele gera conhecimento geográfico. Incluindo e excluindo lugares, os jornais criam “recortes espaciais”, ou seja, regionalizações capazes de orientar o homem e a sociedade no mundo real. Deste modo, o objetivo principal deste artigo foi investigar a “região” criada pelas notícias do jornal *Correio* durante o mês de janeiro de 2018.

Os resultados alcançados confirmam a hipótese de que a área da notícia é maior que a de distribuição do impresso, pois foram mapeadas matérias de 28 municípios do Pará, sendo que o *Correio* circula em 18. O impresso também não publicou notícias de todas as cidades onde é distribuído, deixando de fora Jacundá, Novo Repartimento e Goianésia, por exemplo. Do mesmo modo, a área de apuração (formada por Marabá mais as 15 cidades noticiadas nos textos oriundos da redação) mostrou-se com uma amplitude menor daquela formada pela publicação das notícias (composta pelos 28 municípios identificados na investigação mais a cidade Marabá).

No caso da hipótese sobre a formação da área da notícia, verificamos que as assessorias de imprensa dos órgãos governamentais possuem uma contribuição no estabelecimento deste espaço, mas não são os principais fornecedores de conteúdo sobre outras localidades. O jornal, por ser um produto de um grupo de comunicação, consegue publicizar as cidades próximas por meio de conteúdos elaborados pela própria redação, os repórteres *freelancers* e correspondentes.

Outro achado relevante desta análise diz respeito a uma tendência do jornal em pautar as localidades da região pelo viés da violência. As notícias do cotidiano e as reivindicações da população dessas cidades não aparecem e cedem lugar para a publicização de crimes, tragédias, mortes, conflitos e outros assuntos policiais. Isso faz com que a visão regional desenvolvida pelos leitores fique associada à criminalidade, como se fosse um “mapa” da violência que invisibiliza simbolicamente as outras práticas, relações e histórias dos lugares.

Por fim, os resultados sinalizam para um diálogo profícuo entre a Geografia e o Jornalismo. O conceito de região acionado neste artigo abre caminho

para pensarmos outras investigações que possam contribuir com os estudos do jornalismo, lançando novos olhares sobre os processos de produção, consumo e circulação dos produtos noticiosos, bem como, as estratégias mercadológicas desenvolvidas pelos modelos de negócio do jornalismo.

News Region: a study of the regional representation in the pages of Correio newspaper

Abstract

In this article we have rescued the concept of journalistic region, forged by Milton Santos (1955) and enlarged by Jacqueline Deolindo (2016), and present a fourth layer constituting the definition: the news region. To achieve this, we conducted a content analysis of the articles published in Correio newspaper, printed in Marabá (PA, Brazil), during the month of January 2018, in order to map the reported cities beyond the paper's headquarter and identify the origin of the texts. In the course, the concepts of region, regionalization and journalistic region are discussed. The results indicate the formation of a "news region" with a wide scope, reaching five of Pará's mesoregions. We also noticed that the spatial cut created by the news is characterized by violence thematization, and that it is produced by the editorial staff, media relations, freelance reporters and correspondents.

Keywords: News Area. Correio Newspaper. Regionalization. Marabá. Representation.

Referências

- AGUIAR, Sonia. **Territórios do jornalismo:** Geografias da mídia local e regional no Brasil. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.
- ASSIS, Francisco de. **Por uma geografia da produção jornalística:** a imprensa do interior. In: Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus: Intercom, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0810-2.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.
- CONTEL, Fábio Betioli. **Os conceitos de região e regionalização:** aspectos de sua evolução e possíveis usos para a regionalização da saúde. In: *Revista Saúde e Sociedade*, v. 24, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/104819/103602>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

DEOLINDO, Jacqueline da Silva. **Regiões jornalísticas**: uma abordagem locacional e econômica da mídia do interior fluminense. Tese (doutorado). 361f. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

DORNELLES, Beatriz. O futuro dos jornais do interior. In: *Revista Intratextos*, v. 4, n.1, 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/intratextos/article/view/2171>>. Acesso em: 05 março 2018.

FERNANDES, Mario Luiz. A proximidade como valor-notícia na imprensa do interior. In: ASSIS, Francisco de (Org.). **Imprensa do interior**: conceitos e contextos. Chapecó: Argos, 2013.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: Fundamentos da Ciência dos Jornais. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **Regional-global**: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

_____. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

Herod, A. **Scale**. New York: Routledge, 2011.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. O Jornalismo como Forma de Conhecimento: uma abordagem qualitativa. In: MELO, José Marques et al. **Jornalismo, História, Teoria e Metodologia da Pesquisa**: perspectivas luso brasileiras. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2008.

SANTOS, Milton. **Classificação funcional dos jornais brasileiros** – As regiões jornalísticas (1955). Noticiários da Rede Alcar. ano 7, n. 83, nov. 2007.